



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências da Arte  
Faculdade de Artes Visuais  
Curso de Museologia

Fernanda Carneiro Jucá

## **Os monumentos, os sujeitos e as ruas:**

Estudo de caso da Coluna da Infâmia e Monumento em Homenagem a  
Gama Malcher

Belém  
2014

Fernanda Carneiro Jucá

## **Os monumentos, os sujeitos e as ruas:**

Estudo de caso da Coluna da Infâmia e Monumento em Homenagem a  
Gama Malcher

Trabalho de conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do grau de  
Bacharel em Museologia, Faculdade  
de Artes Visuais, Universidade Federal  
do Pará  
Área de Concentração: Museologia,  
Comunicação e Representações  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Silva

Belém  
2014

Fernanda Carneiro Jucá

## **Os monumentos, os sujeitos e as ruas:**

Estudo de caso da Coluna da Infâmia e Monumento em Homenagem a  
Gama Malcher

Trabalho de conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do grau de  
Bacharel em Museologia, Faculdade  
de Artes Visuais, Universidade Federal  
do Pará

Área de Concentração: Museologia,  
Comunicação e Representações  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Silva

Data de aprovação:     /     /

Banca examinadora

---

Prof. Dra. Carmen Lúcia Silva  
Orientadora  
Universidade Federal do Pará - Museologia - Faculdade de Artes Visuais

---

Prof. Mestra Marcela Guedes Cabral  
Examinadora Interna  
Universidade Federal do Pará - Museologia - UFPA

---

Prof. Mestra Ana Claudia da Cruz Melo  
Examinadora Externa  
Universidade Federal do Pará – Cinema e Audiovisual - UFPA

*Dedico este trabalho as minhas sobrinhas que me dão motivos para seguir em frente. Títia ama vocês*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré por acalmarem o meu coração todas as vezes em que eu pensei em desistir. Agradeço as minhas famílias por aceitar a minha escolha de não ser médica, advogada ou contadora como todos eles. Agradeço principalmente ao meu pai amado, por me levar e me buscar na parada de ônibus, cedo ou tarde, deixando muitas vezes de tomar o seu café e a minha irmã por NUNCA duvidar da minha capacidade, por me apoiar e por me ouvir.

Agradeço aos meus professores, todos eles, do maternal até a faculdade, cada um me ensinou algo que fez com que eu me tornasse a estudante que sou hoje, mas agradeço principalmente a professora e orientadora Carmen Silva, por ter apostado na minha pesquisa e ter aceitado todas as vezes em que atrasei o nosso cronograma e a professora Luzia Gomes por ter me mostrado a postura que eu deveria ter dentro da academia e a professora Sue Costa por ter me dado um lema para a minha vida profissional. Agradeço também aos meus companheiros de turma, aprendi muito com vocês, destaco o seu Afonso e a Hellen, vocês são guerreiros, quando eu crescer quero ser como vocês.

Agradeço aos funcionários e estagiários do Museu de Arte de Belém (MABE) que me deram a oportunidade de ter a minha primeira experiência com um museu, me ensinado que a teoria é apenas uma parte no aprendizado. Agradeço principalmente as minhas chefes: Dora Lúcia, Rosa Arraes e Waldereis Araújo por serem as melhores chefes do mundo sendo muitas vezes minhas mães.

Agradeço aos meus amigos amados por terem estado comigo em todos os momentos difíceis desse processo chamado universidade/monografia. Meus amigos do tempo de escola que guardo com um carinho especial, principalmente ao Allan, Tawan, Taynan e Daniella que entenderam a minha distância. Minhas Divas divônicas: Paula (Diva), Luh (Dadida), Lidy (vaca), Gih (Filha), Guto (Marido), Bessa e Marcela (Vandinha) que estiveram comigo em mais momentos do que eu possa contar, vocês são absurdamente importantes pra mim.

Agradeço aos meus amigos da vida: Laís (meu primeiro casamento), obrigada por rezar tanto por mim. Diego, obrigada por me manter acordada. Quetsia (mãe), minha pseudo-terapeuta. Raoni, por dizer o quanto eu sou boa e por ter se tornado tão amigo. A Katherine por ter me dado a mão sem me pedir nada em troca quando eu mais precisei. Minhas primas (Tay, Ari e Tay), eu nunca me esqueço do nosso

tempo de cursinho. Aos meus amados Diney e Wendeel por terem me ajudado por livre e espontânea vontade financeira a aplicar os meus questionários e agradeço também a todos os que entraram e saíram da minha vida, Deus tem um propósito em todas as suas escolhas.

Gostaria de agradecer aos funcionários da Biblioteca Pública Arthur Viana, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Biblioteca do MABE por terem me atendido tão bem e gostaria de agradecer também a cada uma das pessoas que aceitaram a responder meus questionários, sem vocês meu trabalho não existiria.

Museu vivo não deveria ser aquele que simula a vida [...], mas aquele que precisamente cria a distância necessária para se perceber da vida tudo que a existência cotidiana vai embaçando e diluindo, ou tudo aquilo que não cabe nos limites da minha experiência pessoal.

Ulpiano Bezerra de Menezes

## **RESUMO**

A presente pesquisa busca analisar a permanência dos monumentos na memória dos sujeitos da cidade de Belém, pensando nas relações estabelecidas com estes objetos dentro do cotidiano do município, considerando também a questão do pertencimento. Os monumentos aqui trabalhados são Homenagem a Gama Malcher e Coluna da Infâmia, escolhidos por causa da distância temporal entre eles e pela diferença na representação do discurso empregado nos mesmos.

Como metodologia, recorreremos ao estudo de público e pesquisas no acervo documental e bibliográficas para construir a análise. Esta pesquisa apresentou resultados que nos fizeram considerar fatores que venham contribuir para uma reapropriação destes monumentos, de forma a se efetivar tanto no espaço em que os monumentos se encontram, bem como em outros espaços de socialização da população da região metropolitana de Belém. Consideramos também contribuições, desta forma, para a ampliação da visibilidade destes monumentos dentro da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monumento, memória, pertencimento, sujeito



## **ABSTRACT**

This research to analyze the permanence of monuments in memory the inhabitants metropolitan area of Belém, considering the relationships established with these objects of daily life and also the question of “belonging”. The monuments presented in this work are a homage to Gama Malcher and Column of Infamy, chosen because of the temporal distance between them and the difference in the representation of speech employed in them.

As methodology, we turn to the study of public and research in the documentary and bibliographic collection to build the analysis. This research showed results that made us consider factors that may contribute to a reappropriation of these monuments in order to be effective both in space where the monuments are, as well as other spaces for socialization the population of the metropolitan area of Belém. We consider also the contributions in this way to expand the visibility of these monuments within society.

**Key-Words:** Monument, Memory, belonging, subject

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Gravura representando os primeiros museus pautados na ideia do colecionismo e dos gabinetes de curiosidade .....	18
<b>Figura 2:</b> Monumento em Homenagem a Gama Malcher na Praça das Mercês.....	33
<b>Figura 3:</b> Monumento em Homenagem a morte de 19 militantes do movimento sem-terra.....	35
<b>Figura 4:</b> Imagem aérea da Praça da Leitura no Bairro de São Braz em Belém.....	36
<b>Figura 5:</b> Tabela estatística do IBGE.....	42

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Dados referentes a faixa etária para o bairro de São Braz.....	43
<b>Gráfico 2:</b> Dados referentes a faixa etária para o bairro da Campina .....	43
<b>Gráfico 3:</b> Como você ficou sabendo do monumento Coluna da Infâmia?.....	46
<b>Gráfico 4:</b> Como você ficou sabendo do monumento em homenagem a Gama Malcher?.....	47
<b>Gráfico 5:</b> Dados referente ao que falta ou precisa para que os monumentos em Belém fossem mais reconhecidos – Bairro da Campina .....	48
<b>Gráfico 6:</b> Dados referente ao que falta ou precisa para que os monumentos em Belém fossem mais reconhecidos – Bairro de São Braz.....	48
<b>Gráfico 7:</b> Em uma escala de 0 à 10, onde zero é nenhuma e 10 é muito importante, como você definiria a importância dos monumentos de uma forma geral.....	50
<b>Gráfico 8:</b> Em uma escala de 0 à 10, onde zero é nenhuma importância e 10 é muita importância, como você definiria a importância do monumento Homenagem a Gama Malcher? .....	51
<b>Gráfico 9:</b> Em uma escala de 0 à 10, onde zero é nenhuma importância e 10 é muita importância, como você definiria a importância do monumento Coluna da infâmia?.....	52

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 - O MUSEU, A CIDADE E AS RUAS: MUSEALIZAÇÃO DE MONUMENTOS .....</b>	<b>17</b>
2.1 – O PATRIMÔNIO COTIDIANO E O URBANO .....	20
2.2 - A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DOS MONUMENTOS .....	22
2.3 – O SELECIONAR DA MEMÓRIA .....	24
2.4 – A LIBERDADE DE MUSEALIZAR, ACESSAR E RESSIGNIFICAR OS MONUMENTOS .....	26
<b>3 . A IDEIA DE PRESERVAÇÃO PARA MONUMENTOS EM ESPAÇOS URBANOS .....</b>	<b>28</b>
3.1 - O TEMPO DOS MONUMENTOS .....	29
3.2 – MONUMENTO EM HOMENAGEM A GAMA MALCHER .....	31
3.3 – COLUNA DA INFÂMIA .....	34
3.4 – O PERTENCIMENTO E A MEMÓRIA .....	37
<b>4 – ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO DOS MONUMENTOS NA BELÉM CONTEMPORÂNEA: ESTUDO DE PÚBLICO .....</b>	<b>39</b>
4.1 – O PÚBLICO DE HOJE E OS MONUMENTOS .....	41
4.2 – A FALA DOS SUJEITOS .....	44
4.3 – A MEMÓRIA DO HOJE .....	45
4.4. APROPRIAR-SE OU NÃO APROPRIAR-SE .....	49
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

Olhar para os objetos é retomar sensações e momentos recriando fatos e estabelecendo conexões entre os sujeitos e a memória. Os objetos nos museus permitem essa reconstrução de momentos, mais especificamente, permitem uma representação da parcela do real. “Museu é um conceito polissêmico, que designa a relação entre o Humano e o real, em pluralidade e relatividade” (SCHEINER,2011). As possibilidades deste espaço permite rememorar, assim como os monumentos, que são produzidos para marcar uma memória e são utilizados a posteriori pelos transeuntes que por muitas vezes os resignificam.

A pesquisa “Os monumentos, os sujeitos e as ruas: Estudo de caso da Coluna da Infância e Monumento em Homenagem a Gama Malcher” questiona os processos de musealização que segundo CURY(2006) “[...] poderá ocorrer com a transferência do objeto de seu contexto para o contexto dos museus ou, ainda, a sua valorização *in situ* [...]” (p. 24). Desta forma consideramos a própria cidade um espaço passível de ser musealizado a partir de seus objetos museais, os monumentos.

A pesquisa pretende discutir a memória dos sujeitos em relação aos monumentos: Coluna da Infância inaugurada em maio de 2000 e que vem firmar a memória do massacre a 19 militantes do movimento sem-terra em 1996 e o Monumento em Homenagem a Gama Malcher, personalidade política e filantrópica para com o qual a população da época de sua inauguração teria uma “dívida”, tendo este monumento sido inaugurado em agosto de 1889.

Através de um estudo de caso comparativo questionamos a relevância dessa memória para o valor patrimonial desses objetos que apesar de serem de períodos tão distantes e apresentarem discursos distintos, têm o mesmo objetivo: fazer lembrar. E é esse objetivo que utilizo para relacionar com a prática de musealização.

O museu enquanto fenômeno como defende SCHEINER (2001) se materializa para além dos muros da instituição, a partir das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos e o real. Assim, a musealização desses patrimônios é estabelecida no processo de escolha para representar um determinado discurso, apresentando, o próprio espaço urbano enquanto museu e a musealização deste se torna uma busca pelo estabelecimento de uma identidade nacional/regional, como defende KNAUSS (1999):

Ao longo da história, diferentes grupos sociais, em diferentes circunstâncias, puderam intervir no ambiente urbano mediante a colocação ou atribuição de caráter histórico e artístico a uma peça urbana. Além disso a partir dessa intervenção os cidadãos resignificam os diversos territórios do seu cotidiano e constroem a sua identidade com a cidade [...] (p.7)

Assim como Argan (2005), considero a cidade como museu, e os monumentos como seus objetos musealizados, desta forma a pesquisa busca refletir sobre o que os monumentos têm a nos contar, se as informações destes perduram nas gerações atuais, como este é apropriado e percebido pela sociedade dentro da dinâmica urbana, de acordo com Peixoto (2004):

Os monumentos são como mapas: traçam inexoravelmente o perfil da cidade. São marcos que estabelecem sem apelação a história e os caminhos do lugar, que reduzem suas espessas camadas de vida a signos exteriores erguidos sobre a grama. Eles excluem o não dito, o invisível da cidade.

Ao longo dos processos de musealização, seja ele em que espaço for, muitas vezes o que se escuta não é o objeto, mas um discurso que utilize-o como representação, ou uma interpretação que seja extraída do objeto a partir do contexto em que ele se encontra, esteja ou não dentro da instituição museu tradicionalista.

Segundo Jesus (2010), “uma vez que este objeto produzido pelo homem é selecionado, valorado para depois retornar para ele como documento, destacando assim, a importância que os processos de musealização desempenham nessa valorização do objeto para documento.” É essa mudança no valor do objeto que nos implica a pensar na importância dos monumentos para a história da cidade, seja política, social ou cultural. No entanto o trabalho vai refletir sobre até quando esse valor permanece na memória dos sujeitos.

Os objetos localizados em espaços abertos, como os monumentos e tantos outros patrimônios espalhados pela cidade recebem uma carga simbólica, esse valor é aplicado a um coletivo onde os indivíduos são passíveis a se apropriar ou não como defende Marcelo Cunha (2013) “a preservação é uma ação subjetiva, resultante de escolhas e tomadas de decisão e, mesmo o estado, quando estabelece o escopo de elementos a serem preservados, está exercitando subjetividades e vontades.” (p. 3). Sendo assim a entrega para a população, dos patrimônios, é feita em um contexto de celebração e exaltação para ampliar o valor e torná-lo marcante na história daquela sociedade.

A memória, segundo Pierre Nora (1993) é “a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da

lembança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações” (p. 9). Além de ser principal elemento de construção da identidade entre os sujeitos e os objetos, pois, segundo Olivia Nery e Letícia Ferreira (2013):

De certa maneira, eles servem para construir a nossa identidade e a construir a nossa imagem para os outros. Por isso, os objetos funcionam então como testemunhas históricas, carregados de simbolismos e significados, como “pontes” de memória e como uma maneira de fazer e estudar a biografia de alguém [...] (p. 6).

Desta forma os objetos, ao serem atribuídos a discursos se tornam representativos para um grupo que o apropria. Partindo da tríade: Musealização – Monumento – Memória, buscamos pensar como a importância desse patrimônio é dissolvida pelos sujeitos dentro da dinâmica da cidade, questionando o que de fato é lembrado ou que de fato se quer lembrar.

O monumento enquanto objeto museal tem como discurso a memória do momento ou da personalidade que ele vem a homenagear, quase sempre é inaugurado em datas comemorativas ou em meio a grandes celebrações para realçar o objeto e o valor que ele possui. E essa espetacularização criada em torno da entrega do monumento tem como objetivo marcar a memória dos que vivem esse momento de forma a tornarem-se propagadores deste discurso. Desta forma, utilizei-me de dados e pesquisa bibliográfica para analisar as relações entre os sujeitos, as memórias, os monumentos e as ruas.

Utilizamos na metodologia dados quantitativos e qualitativos adquiridos a partir da aplicação de questionários ao público do entorno destes monumentos com o objetivo de estabelecer uma pesquisa amostral comparativa assentando três filtros que se relacionam com a idade, a escolaridade, e se é residente na Região Metropolitana de Belém. Também foi utilizado como critério de recorte da amostragem a relação destes três filtros com o período do monumento, neste caso a coluna da infâmia, que nos permite trabalhar com sujeitos que o vivenciaram, seja o seu momento de inauguração, seja o acontecimento que motivou da sua construção, já que o monumento em homenagem a Gama Malcher foi inaugurado em 1889, logo temos apenas os relatos dos jornais da época.

Utilizamos para dar suporte a esta pesquisa e para a análise dos dados, fontes bibliográficas, dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) no estabelecimento da quantidade de pessoas a serem entrevistadas, gerando o resultado final a partir de uma plataforma de cálculo estatístico da quantidade de questionários a serem aplicados. Utilizei também da Lei e Diretrizes para a Educação Básica (LDB), para respaldar a idade dos entrevistados, além de fontes secundárias como: Jornais da época e sites, possibilitando uma visão do momento da inauguração de ambos os monumentos para que pudesse questionar o que se tem daqueles momentos e daquelas informações ao longo da história que podem dar suporte ao processo de rememoração.

A partir das relações entre a musealização, a memória, os sujeitos e as ruas, juntamente com a análise dos dados coletados, optamos por dividir o trabalho em três capítulos onde o primeiro capítulo reflete sobre o espaço urbano e o valor do patrimônio dentro deste espaço, o discurso empregado ao objeto para a construção de uma memória e de uma identidade social, como se estabelece ou se dissipa essa memória, fator importante para apropriação do mesmo, finalizando com a análise do processo de musealização dos monumentos e dos seus espaços de localização.

O segundo capítulo apresenta a justificativa da escolha dos monumentos tendo como principal ponto o recorte temporal dentro do estudo de público comparativo, apresenta os monumentos e o processo de construção destes, concluindo com a relação da memória e do esquecimento com relação ao monumento e a sua história.

O terceiro e o último capítulo permite observarmos um panorama do público atual, o que esses sujeitos pensam e reconhecem destes monumentos, o que eles lembram sobre sua inauguração ou sabem da personalidade, no caso do Gama Malcher, finalizando com os dados adquiridos nos questionários sobre a apropriação ou identificação com os objetos apresentados.



## 2 - O MUSEU, A CIDADE E AS RUAS: MUSEALIZAÇÃO DE MONUMENTOS

O museu, espaço físico que se estabelece no imaginário das pessoas enquanto local de lazer, fruição estética, um lugar de cultura e de conhecimento, tem em seus objetos a possibilidade de contar histórias e remontar parte da realidade, a partir das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos e o real como defende Bellaigine:

Tem que considerar-se aqui o objeto em seu sentido mais amplo: ele é material ou imaterial, natural ou cultural. É em todo caso, central na museologia, já que é o elemento da realidade que emite informação ou permite a comunicação entre as pessoas e entre o presente e o passado (BELLAIIGNE *apud* NASCIMENTO, 1994, p. 9).

Nos permitindo assim, ampliar ideia do museu estabelecendo um comparativo entre o mesmo e a rua a partir de uma das suas principais funções: Comunicar. Assim, a musealização desses patrimônios é estabelecida no processo de escolha para representar um determinado discurso, apresentando o próprio espaço urbano enquanto museu.

Esse processo de escolha tem suas raízes na própria trajetória de concepção do museu (Figura 1) que surge no século XV com a prática do colecionismo (JULIÃO, 2006) que se fortalece principalmente com o processo das grandes navegações e a busca dos que vêm compreender e representar esse novo mundo. Essas coleções vão ser compostas por uma elite que vai deter esses objetos por um logo período, tornando-os símbolos de seu status. Nesse momento os objetos vão ser valorados principalmente pelo critério estético, pela sua monumentalidade e/ou excepcionalidade.



**Figura 1:** Gravura representando os primeiros museus pautados na ideia do colecionismo e dos gabinetes de curiosidade

**Fonte:** Site *Contradições*<sup>1</sup>

Estes valores vão se manter até meados do século XVIII quando inicia a reflexão em torno do valor monumental e histórico. Essa prática alcança a revolução francesa, onde se tem uma busca pela uniformização da identidade nacional (CHOAY, 2001; TOMAZ, 2010), utilizando os monumentos como dispositivos de memória e marcadores do discurso da nação.

No Brasil o grande propulsor para discursões acerca do valor atribuído aos objetos e da importância destes em relação à construção do caráter nacionalista é a vinda da Coroa Portuguesa que busca estabelecer parte da sua identidade na então colônia através do Museu Real que posteriormente se transformaria no museu nacional juntamente com a biblioteca nacional, que recebem da Coroa o material necessário para moldar a sociedade da época nos valores do então império (MENDONÇA, 2012, p. 149)

Os museus não serão os únicos instrumentos norteadores do ideário nacional e da valoração das políticas da época. Os monumentos serão utilizados para demarcar grandes momentos históricos e enaltecer a memória das personalidades

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://contradicoes.net/publicacoes/silencios/>> Acesso em: 11 dez. 2014

históricas, utilizando a memória coletiva como propulsora dos discursos acerca destes objetos.

Atualmente, o conceito estabelecido pelos órgãos regulamentadores Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e o Conselho Internacional de Museus (ICOM) consideram funções, responsabilidade e direitos às instituições museais para com os acervos e a sociedade em que está inserido. O Estatuto de Museus, instituído pela lei 11.904 de 14 de Janeiro de 2009, em seu artigo 1º, regulamenta e dispõe sobre as principais funções e deveres da instituição:

[...] Considerasse museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, [...] abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento [...] (BRASIL, 2009).

A linha ufanista do museu vai estar presente nos monumentos onde o significado apresenta-se não somente no objeto, “mas no espaço onde ele virá a ser localizado, no discurso para o qual ele vai servir como dispositivo de memória, bem como ao processo da entrega do mesmo para a sociedade” (KNAUSS 1999, p. 8). Desta forma cria-se uma mística em volta do objeto, similar à atmosfera do museu, onde este será sacralizado, tornando-se patrimônio.

Considerando que o monumento está no espaço urbano, onde o acesso ao objeto e ao mínimo de informações para sua identificação está diretamente relacionado com o ser social e a sua opção de se envolver com o mesmo, Ondina Leal (1995) defende que:

[...] a proposta do processo comunicacional não está na mensagem e sim na interação, espaço de encontro entre emissor e receptor, espaço de negociação e estruturação do significado (p. 114).

Desta forma esses elementos que remetem à história de um povo vão proporcionar a construção de informações a partir da interação dos sujeitos com os mesmos, gerando um conhecimento que servirá na construção da sua identidade e do seu pertencimento tanto para com o objeto como sua história. A permanência de ambos está diretamente ligada à vivência do sujeito com o espaço em que o monumento é estabelecido, é a apropriação que preserva o patrimônio.

## 2.1 – O PATRIMÔNIO COTIDIANO E O URBANO

Todos escolhemos recortes na memória para lembrar ou esquecer, estas escolhas se refletirão em objetos que vão representar essa seleção, servindo assim como dispositivos que são acessados seja para recordar ou para repassar essas memórias para outros. A simples durabilidade do artefato, que em princípio costuma ultrapassar a vida de seus produtores e usuários originais, já o torna apto a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente (MENEZES, 1998, p. 90). Esse pensamento se estabelece nos patrimônios de uma forma geral, sejam públicos ou privados, para que estes sejam apropriados, remetendo-os a uma ideia de pertencimento dentro do coletivo social.

O conceito de patrimônio é amplamente discutido e postulado por diversos autores, como Funari e Pelegrini que definem patrimônio como:

[...] um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação[...] (2006, p.20)

Segundo o dicionário Aurélio da Língua portuguesa a palavra patrimônio tem como significado “Herança paterna, Bens de família”. Essa ideia é muito presente ainda nas coleções principescas que vão ser repassadas dentro das linhagens familiares e posteriormente para a população com o estabelecimento das grandes exposições e dos gabinetes de curiosidades. Uma prática que vai refletir diretamente na forma que o povo percebe as instituições museais e os patrimônios de uma forma geral.

As discursões sobre o tema no Brasil, se ampliam com a solicitação do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema à Mario de Andrade, sobre um anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão que cuidaria das políticas em relação ao patrimônio artístico nacional e que posteriormente viria se tornar o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

No entanto a ideia de patrimônio não se enquadra somente no artigo 1º do decreto-lei nº 25 de 1937 que considera:

[...] o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 1937)  
988

O conceito de patrimônio tem se alargado e se transformado ao longo do tempo, amparado pelas políticas de salvaguarda dos bens móveis e imóveis, abarcando também as formas imateriais e naturais. Segundo Mariza Veloso (2006) “O patrimônio cultural, tanto o material quanto o imaterial extraem sua singularidade por expressar “marcas de distinção” que, por sua vez, remetem a situações específicas vividas por uma determinada comunidade” (p. 438) e ainda destaca que “quando se trata de patrimônio cultural, seja material ou imaterial, fala-se também de valores e de interesses coletivos que, por sua própria especificidade, não são fixos nem imutáveis. (p.440)

No entanto o que de fato nos instiga são os patrimônios monumentais, aqueles que estão nas ruas e que foram amplamente utilizados pelo estado para estabelecer uma política nacionalista.

A Revolução Francesa foi determinante para as práticas de salvaguarda dos patrimônios de uma forma geral, com ênfase nos monumentos sendo o objetivo o de entregá-los à sociedade, tendo como propulsor a formação da primeira Comissão dos Monumentos Históricos, em 1837 que estabeleceu três grandes critérios que os abarcou, considerando somente as edificações pelas suas características estéticas e históricas. A busca por salvaguardar os testemunhos da história segundo Choay (2001 p.96) tem por objetivo manter espaços e objetos que contem a história daquele povo.

Os monumentos foram amplamente utilizados para afirmar culturas e identidades de forma a tentar homogeneizá-la. Esse processo vai ser frequentemente executado por representantes políticos com o objetivo de não somente reforçar o nacionalismo, mas também de engrandecer personagens históricas e transformar momentos históricos em marco social. Por isso os monumentos são estabelecidos em sua grande maioria nas ruas e recebendo destaque na sua inauguração.

As ruas permitem negociações que muitas vezes não se estabelecem no museu. A rua permite a liberdade do horário, permite a liberdade do “tocar”, do reinventar. Ainda que os sujeitos não transformem o urbano e os seus elementos, o próprio ambiente se transforma, pois a cidade tem dinamicidade própria, como defende Carlos Nelson F. dos Santos (1985) “as cidades vivem se refazendo” (p.1)

O urbano tem uma diversidade de conceitos que dependendo da perspectiva pode servir como adjetivo ou substantivo dentro da cidade. Roberto Luís Monte-Mór defini o urbano como “uma síntese da antiga dicotomia cidade-campo, [...], a manifestação material e sócio-espacial da sociedade urbano-industrial contemporânea estendida, virtualmente, por todo o espaço social”. Muitos outros autores vão considerar o urbano a partir do período pós-industrial (LENCIONE, 2008), pois analisam a partir da perspectiva geográfica pautados no desenvolvimento de um espaço.

Considero o urbano enquanto característica da cidade, “o urbano é um lugar de enfrentamentos e confrontações, uma unidade de contradições.” (MARTINS *apud* LENCIONE, 2008, p. 118). Assim como as relações dos sujeitos com o espaço da cidade e seus elementos que se apresentam de forma diversa e muitas vezes despercebida.

Considerando o espaço urbano com uma organicidade própria, penso em como os seus elementos intrínsecos: como sendo os elementos arquitetônicos, as relações comerciais, transportes. Juntamente com os elementos extrínsecos: que são as pessoas e as conturbações, se relacionam com as mudanças questionando essas variações dentro da lógica dos patrimônios.

Dentro do urbano há uma diversidade de patrimônios. Esta pesquisa trabalha especificamente com os monumentos por estes estarem espalhados pelas ruas e praças das cidades e serem utilizados por esferas políticas para firmar memórias sendo de extrema importância que estes sejam apropriados pela população para que sua intencionalidade seja efetivada.

## 2.2 - A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DOS MONUMENTOS

As pessoas tendem a depositar nos objetos suas memórias, dando a eles carga afetiva, simbólica, histórica, ou seja, atribuem significados. Essa prática pode ser estabelecida tanto pelo sujeito quanto construída por uma esfera social, aplicando estes significados ao coletivo. Essa atribuição pode ou não ser incorporada tanto na história dos sujeitos quanto para a história do lugar onde o objeto se encontra.

Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, considera-se monumento “Construção ou obra que transmite a recordação de alguém ou de algum fato memorável; Jazigo, mausoléu; Recordação, lembrança”. Ou seja a palavra monumento está ligada a ideia de lembrar e está, de fato é uma das suas principais funções como ressalta CHOAY: “A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória” (2001, p. 12)

É esta a intenção de monumentalizar, “fazer recordar alguma coisa ao longo do tempo, transformando-a em elemento da memória social.” (SILVA, 1999, p. 58). Os monumentos são repletos de intencionalidades, são construídos para demarcar a cidade, como destaca Knauss (1999): “objetos urbanos que são imagens. Imagens da cidade que dão sentido à urbanidade”. (p.7) Os monumentos têm uma intencionalidade histórica, marcam períodos, exaltam personalidades históricas, ou seja, são documentos tridimensionais.

Erguido principalmente pela esfera política e independente do período, o monumento sempre foi utilizado para afirmar a magnificência dos que estão no poder, para direcionar o povo a uma ideia de nacionalidade e forma-los segundo as definições do estado de cidadãos reprodutores dos preceitos da máquina estatal. Essa prática vai ocasionar o estabelecimento da memória simbólica, amparada nesses objetos espalhados pela cidade.

Essa memória não está somente no patrimônio simbólico, mas o patrimônio enquanto propriedade, construção: como escolas, hospitais e tantos outros prédios públicos, no entanto o simbólico se destaca pela sua intencionalidade. Nas ruas das cidades esse processo pode ser observado principalmente no nome das praças, nas homenagens feitas por meio dos monumentos e no próprio nome das ruas. O patrimônio seja ele escultura, construção de pedra e cal, imaterial, cultural, sempre há uma intencionalidade imbricada.

No Brasil, esse processo é demarcado no conflito político, pois as mudanças de governo, por vezes contribuem para a trocas dessas denominações tão presentes dentro do tecido urbano e que são norteadores da memória do lugar. Por vezes a nova designação não é utilizada pelas gerações atuais, pois muitas vezes estas aprendem o antigo nome, ainda utilizado pelos mais antigos, que se apropriam, seja por teimosia, livre escolha ou ainda o simples hábito do uso.

Essa livre escolha é um fator relevante dentro do processo de elaboração

dessas memórias que vão ser determinantes para a construção da identidade nacional, pois, como defende Tamaso, “frequentemente, patrimônio e identidade aparecem como termos de uma mesma equação” (2012. p. 25). Logo, cabe ao sujeito, parte determinante nessa relação, se apropriar e propagar o discurso para que ele permaneça arraigado na sociedade.

Desta forma observamos que as ligações entre monumentos e política independe dos períodos, concordando com Carvalho (1996) ao dizer que a “batalha de Símbolos e alegorias faz parte das lutas políticas e ideológicas” (p. 9). O contexto político dos monumentos com os quais esta pesquisa trabalha são distintos. Um é do início do período da República, 1890, o outro monumento é contemporâneo, inaugurado em 2000.

Essa diferença de período está diretamente ligada ao contexto político, importante fator que interfere na escolha do que seria representado nos monumentos. Estes “celebram e glorificam o passado nacional e as histórias heroicas, que “articulariam e legitimariam circunstâncias políticas do momento e aspirações futuras” (JOHNSON *apud* CORRÊA, 2005, p. 1).

O objeto e a rua, ligados por um significado direcionado é a ferramenta metodológica estatal para fazer lembrar e estabelecer memórias dentro do cotidiano das cidades. O monumento na rua é livre para a ressignificação e apropriação. Desta forma, ainda que toda uma prática seja estabelecida para reforçar a ideia do objeto na memória, será que todos os sujeitos se apropriarão dela? E o que vai determinar esse ato? Como isto é percebido dentro das tessituras que a cidade e o urbano apresentam por meio das práticas sociais?

As respostas para esses tipos de questionamentos podem ser percebidas a partir do que se optou lembrar ou esquecer já que a memória permite o estabelecimento destas duas possibilidades. A presente pesquisa analisa esse processo dentro da cidade de Belém, apoiada nos dois monumentos já citados e as negociações feitas pelos sujeitos a partir do momento em que se recebe a informação.

### 2.3 – O SELECIONAR DA MEMÓRIA

Lembrar é natural do ser humano. Muitas vezes utilizamos suportes para nos remeter à memória daquele momento, como um cheiro, um sabor, uma música, um objeto. É necessário que exista este objeto? Talvez não, mas o suporte da memória



contribui para a permanência da mesma por longos períodos, independentemente do tipo deste. Basta apenas que a informação tenha sido guardada e que se tenha a intenção de lembrar.

Muitas das rememorações que os sujeitos têm, segundo Maurice Halbwachs (2006)<sup>2</sup> apresentam contribuições de um coletivo presencial ou não. Considerando que, independentemente da presença do sujeito junto ao que rememora, este é consultado mentalmente pelas interações e contribuições feitas anteriormente a lembrança. Essa prática dentro do coletivo é amplamente utilizada pelo estado, mas é a sociedade quem propaga a informação e conseqüentemente a lembrança.

Dentro da dinâmica social vivida no cotidiano da cidade, são os espaços e os objetos que vão servir como dispositivos de memória. No entanto ainda que aquele monumento, construção arquitetônica ou a praça estejam ali, entremeado no tecido urbano, por vezes este passa despercebido, a sua monumentalidade se torna ínfima perante os sujeitos, contudo não se pode estabelecer culpados pelo silenciar das histórias.

Assim como lembrar, esquecer também é função inerente do ser humano e característica que depende não somente da vontade de esquecer, mas de outros fatores como a falta da informação, e a mudança no discurso. Configura-se segundo Bosi (1994), com a interlocução entre os sujeitos que acaba refletindo em uma modificação nas informações por conta das interpretações dadas aos fatos por cada locutor.

Desta forma os objetos em si não informam. Necessitam que aquele que se propõe a interpretá-lo tenha o mínimo de informações para lê-lo e, assim, absorver as suas informações sendo estas permeadas pela compreensão do mesmo. No caso dos monumentos espalhados pela cidade, as informações destes não são passadas apenas pelo os que se propõem a observa-lo. A memória da cidade é construída na família, na escola, no local de trabalho ou em qualquer meio social que possa lhe possibilitar uma troca de informação.

---

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006, 2ª edição pp.224

## 2.4 – A LIBERDADE DE MUSEALIZAR, ACESSAR E RESSIGNIFICAR OS MONUMENTOS

Os objetos em si possuem informação, seja ela sobre o material que este é feito, sobre o motivo que foi construído ou por quem, e ainda sobre o seu estilo artístico. Mas estas informações não são dadas por ele e sim percebidas, compreendidas e então transformadas em conhecimento. Esse processo dentro da Museologia é recorrente, e denominado: musealizar. No entanto não ocorre somente nos museus, ele é passível a qualquer espaço.

Musealizar é deslocar um objeto do seu espaço de origem e aplicar a ele um discurso CURY (2006) de forma que este se adeque à proposta expográfica a ser apresentada no espaço. Entre a lógica na cidade e no museu não há distinção, pois os objetos, sejam monumentos ou construções arquitetônicas, são colocados com intencionalidade para compor um certo discurso. No caso da musealização da cidade não é o objeto que é deslocado mas a figura, o acontecimento que ele representa, pois é um fato histórico que vai ser destacado em detrimento de outro.

Musealizar, permitir a ressignificação, estabelecer possibilidades para um objeto inanimado. Na cidade os transeuntes musealizam o objeto a todo instante ao proporem a ele novas possibilidades. O soldado fardado vira herói de guerra ainda que represente apenas a categoria de cabo. O bispo vira rei. Todos significados dados pela característica física da obra que possibilitou a releitura pautada no imaginário dos sujeitos.

A monumentalidade propõe essas significações grandiosas ligadas a altas patentes sociais, políticas ou militares. A construção dos monumentos começou voltada para representar os sujeitos ligados a essa categoria com objetivos pedagógicos, mas ao longo do período os monumentos passaram a ser utilizado para representar o próprio povo, aumentando a noção de pertencimento à nação ligada ao processo pedagógico nacionalista em países como o Brasil, em especial a partir do período do Império e que se estende até os dias de hoje.

A Carta de Veneza, um dos primeiros documentos a abordar a definição de monumento e discute sobre a importância de sua preservação, em seu artigo 1º conceitua monumento histórico compreendendo a criação arquitetônica isolada, assim como sítios urbanos ou rurais, tomando como norteador para a sua preservação seu valor de testemunho particular e considerando os monumentos modernos que terão o

valor histórico agregado ao longo do tempo.

Pensando nos monumentos e na implicação que a relação dos transeuntes com os mesmos tem no processo de musealização e apropriação, nota-se uma gama de possibilidades que não se observa dentro da instituição, pois o direcionamento dentro do museu tradicional é muitas vezes fechado, ainda que não seja essa intenção. O objeto na rua permite que se interprete de forma cômica, trágica, histórica, artística independentemente das experiências anteriores de quem interpreta.

A dinâmica do urbano conversa perfeitamente com essas relações pois o urbano exige essa dinamicidade, um fluxo de pessoas, no caso do material estudado nesta pesquisa, analisa-se um fluxo de possibilidades e de como elas são apropriadas e mantidas pelos sujeitos sociais.

### **3 . A IDEIA DE PRESERVAÇÃO PARA MONUMENTOS EM ESPAÇOS URBANOS**

Os objetos propagam memórias, algumas são esquecidas, ainda que os objetos perdurem. Mas os esforços para que as várias gerações guardem as memórias pode ser observado nas políticas preservacionistas dos patrimônios. Fausto dos Santos (2000, p. 17) defende que a maneira encontrada para uma longevidade se constitui na preservação que garante a memória onde está constitui uma perspectiva de eternizar-se. Assim a guarda dos objetos com este objetivo vem desde as primeiras coleções como já foi dito anteriormente e perdura até os dias de hoje.

As políticas preservacionistas voltadas para monumentos, tal como conhecemos hoje, pautadas em documentos oficiais, se mostraram necessárias para a manutenção e conservação desses materiais, além de evidenciar a sua importância. A Comissão dos Monumentos Históricos em 1837 e as Cartas Patrimoniais contribuem para a ampliação do conceito de patrimônio e para uma prática mais enfática e atuante. A primeira carta foi assinada em 1931 em Atenas, onde somente a Europa teve representantes presentes (CHOAY, 2011, p.14). Ao longo do tempo muitos outros encontros foram estabelecidos para a construção de cartas e recomendações. Então destaco as Recomendações de Nova Délhi (1956), Carta de Veneza (1964), as Normas de Quito (1967) e a Declaração de Estocolmo em (1972), pois nestas já se observa a ampliação na tipologia de patrimônio a ser preservado, incluindo sítios arqueológicos, monumentos e os patrimônios ambientais.

As políticas acerca destas tipologias começam a mudar no Brasil com a Semana de Arte Moderna, em 1922, esse período amplia a tipologia dos patrimônios a serem conservados e selecionados, considerando também as práticas culturais, os saberes e fazeres, enfim os patrimônios imateriais. O anteprojeto de Mario de Andrade para a constituição do SPHAN já considerava como obra de arte patrimonial os monumentos, as paisagens, o folclore, as iconografias e, claro, a arte dita erudita.

A objetificação na figura do monumento que se encontra nas ruas se difere aos que estão no museu apenas pelo espaço onde está, pois as ações para com eles

pouco se diferem, ambos são apropriados, ressignificados e servem como dispositivo de memória para os sujeitos que os interpretam. Ambos devem ser preservados com o intuito de salvaguardar uma memória ou estabelecê-la.

O patrimônio da rua está presente na arquitetura dos prédios, nas praças, nos monumentos e nas diversas rugosidades que o tempo estabelece no tecido urbano. Trato nesta pesquisa do patrimônio institucionalizado, do patrimônio histórico pré-estabelecido e direcionado, cuja ideia preservacionista vem imbricada na memória que ele representa e para com o objeto em si.

Os monumentos são estabelecidos para lembrar, no entanto o tempo, assim como as pessoas estabelecem relações com o objeto, que muitas das vezes acabam por perder o seu sentido. Geraldo Mártires Coelho (1994) diz que o “urbicídio”, termo cunhado por Pedro Nava, é “a lenta desconstrução da memória coletiva onde se reúnem os elementos que identificam uma cidade, emprestando-lhe a condição do único, do espaço sem correspondentes.” (p. 1). São os sujeitos que mantêm e que fazem manutenção da memória dentro do dinamismo das cidades.

### 3.1 - O TEMPO DOS MONUMENTOS

Uma das principais justificativas para o esquecimento dos patrimônios é a exclusão dos mesmos das memórias cotidianas, como defende Paulo Cesar Tomaz (2010, p. 4): “Não é possível preservar a memória de um povo sem, ao mesmo tempo, preservar os espaços por ele utilizados e as manifestações cotidianas de seu viver”. Passasse pelo espaço onde o objeto está, mas não se sabe muito bem o que este é, tampouco o seu significado e isso vai de encontro aos objetivos dos monumentos históricos, pois o objetivo destes é rememorar (CUNHA, 2006)

Se essa afirmativa for verdadeira os monumentos atualmente estariam perdendo a sua função, logo, de que forma essa situação poderia ser revertida? Será que esses objetos monumentais ainda devem permanecer nos seus espaços? Esse esquecimento, opcional ou não, instigou a pesquisa, pois vai ao encontro da necessidade de conservar a memória, como defende Bosí (2004) [...] a lembrança é a sobrevivência do passado[...] (p.53)

O tempo para o objeto é proporcional a sua propagação entre as pessoas, juntamente com a sua apropriação. Por isso optei por trabalhar com objetos distantes no tempo, na estética, a motivação para serem construídos bem como nos significados. Por serem instituídos pelo poder político os monumentos, segundo Corrêa (2005), tem na “sua capacidade de comunicar aquilo que deles desejavam os seus idealizadores pode ser limitada e mesmo contestados os significados que deles se desejavam”.

Pensar em um monumento que seja do início da república, onde um novo sistema de governo ainda está se estabelecendo, é ter consciência de que estes vão utilizar meios de demarcar a memória social, prática que vai se estabelecer até os dias de hoje.

Os alvos desta pesquisa foram dois monumentos de períodos distintos. Um do final do século XIX e ou outro do início do XXI. A escolha desta distância temporal relativamente grande foi com o objetivo de refletir sobre os questionamentos acima mencionados, entender e verificar essa fala em relação à memória dos patrimônios pautada na dispersão destas nas memórias dos sujeitos sociais.

O uso de monumentos para referenciar memórias é prática recorrente da máquina estatal, pois ele propõe uma amplitude no alcance do seu discurso, uma vez que está na rua. Esta amplitude é observada não só no quantitativo de pessoas, mas na diversidade das mesmas.

No caso do Monumento em Homenagem a Gama Malcher, a ideia da sua criação é estabelecida por seus correligionários ainda quando este estava vivo. Além deste diferencial a referência do objeto não é a carreira política, mas pelo caráter filantrópico que a personalidade em questão representava. A participação política vai estar presente no espaço, pois o monumento é localizado em um lugar que foi palco das tensões que permitiram a adesão do estado do Pará ao regime republicano. Ainda assim mantém a linha de homenagear um sujeito que é referência para a sociedade da época e um exemplo a ser seguido, em que honras e agradecimentos devem ser oferecidos a ele.

A Coluna da Infâmia só apresentará diferença na estética e na representação, pois o motivo para o estabelecimento deste monumento é o mesmo, fazer lembrar. Este objeto sai da tradição de escolher um representante para o acontecimento coletivo, como no Monumento dos Pracinhas na praça Dom Pedro II. No caso da Coluna da Infâmia o coletivo é representado como um todo. O tema também distinto

do tradicional, traz a dor e o desespero na estética da escultura que referencia o massacre de 19 trabalhadores sem terras em Eldorado dos Carajás.

A escolha de dois patrimônios tão distintos está na diferença do período, um do século XIX o outro do final do século XX e na representatividade destes, como explicado acima. Um apresenta o caráter filantrópico e o outro político-social. Desta forma busco questionar se essas diferenças influenciam na apropriação dos mesmos pela sociedade, onde muitos acreditam que alguns patrimônios mais antigos não são lembrados pelas novas gerações por não serem “do seu tempo”.

Por outro lado, há semelhanças entre os monumentos que levo em consideração, já que ambos estão em praças, mas passam despercebidos como poderá ser observado na parte empírica do trabalho, o Monumento em homenagem a Gama Malcher tem um conjunto de pontos de ambulantes que de fato impedem a visualização do mesmo por dois ângulos da praça. Este empecilho também é observado na Coluna da Infâmia que da mesma forma passa despercebida.

### 3.2 – MONUMENTO EM HOMENAGEM A GAMA MALCHER

Os monumentos por muito tempo foram utilizados para homenagear as grandes personalidades políticas e históricas, como dito anteriormente. Esses objetos foram dispositivos da máquina estatal para a construção do ideário nacional e uma forma de estabelecer uma memória identitária. “Esses lugares de memória assumem importante significado por fazerem parte da memória coletiva de determinado grupo, a memória de um passado comum e de uma identidade social que faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar” (TOMAZ, 2010, p. 2)

O monumento a Gama Malcher é um objeto projetado com essa função. Além dele, o próprio espaço onde ele se encontra é carregado de memórias. Ele homenageia uma personalidade política e pública que viveu entre março de 1814 a abril de 1882 escrevendo seu nome na história política e acadêmica da cidade de Belém do Pará. José da Gama Malcher foi um grande médico e ajudou a desenvolver os três principais hospitais da época.

Gama Malcher se formou como médico pela Faculdade de Medicina da Bahia em um período quando acontecem grandes epidemias na cidade de Belém. A ajuda

de Malcher foi fundamental pois, neste período, o contingente de médicos na cidade era reduzido. Por seu desempenho na profissão, passa “a ocupar cargos de responsabilidade nos hospitais inaugurados ou ampliados para receber a população que sofria com as epidemias, obtendo destaque na Santa Casa de Misericórdia do Pará, no Hospital da Ordem Terceira e por fim no Hospital D. Luís I” (RODRIGUES, 2013, p. 86)

Como a maioria dos acadêmicos, Gama Malcher se envolve com a política. Foi intendente de Belém e governador do estado do Pará, contribuindo com melhorias na cidade, principalmente na área da saúde. Envolve-se com Ferreira Pena, um dos idealizadores do Museu Paraense Emílio Goeldi que junto com outros aliados do Partido Liberal fundaram um periódico chamado *O Colombo*. Após a sua morte, a ilustre personalidade é homenageada com uma estátua em agradecimento pelos seus feitos à cidade, como se observa na nota do jornal *O Liberal do Pará* de 15 de agosto de 1889:

A inaugurada estatua do dr. José da Gama Malcher é o resultado da memória social, tomado corpo no bronze e no mármore, para que a geração actual e as futuras tenham sempre presente no espírito e guardada no coração a vida do grande paraense, tão modesta quanto fértil nos benefícios, que soube espalhar. O partido liberal conserva sempre viva a lembrança do chefe, que soube amal-o e governal-o. (*O LIBERAL DO PARÁ*, p. 2)

A construção do monumento se dá em 1881 por subscrição pública, muito comum nas obras encabeçadas pelo estado, “o principal articulador da iniciativa, foi o seu correligionário Vicente Chermont de Miranda que em 1881 ocupava o cargo de vereador na Câmara Municipal de Belém.” (RODRIGUES, 2013, p. 93). Pierre Armand Cattier é o artista escolhido para desenvolver o projeto e que apresentou 6 modelos distintos. A comissão responsável, por fim escolhe o modelo “B”:

[...] estátua e plinto perfazendo um total de 2,75m, a base se elevaria a altura de 5,25m, ao todo, o conjunto teria a escala de oito metros a contar do solo, e alcançaria o valor de quarenta e cinco mil francos, [...] sendo que na parte frontal seria incluída a alegoria de um gênio a escrever uma frase na cartela no pedestal, tal alegoria em tamanho natural (1,80m de estatura) se posicionaria sentada aos pés de Malcher, com valor estipulado em sessenta mil francos. (RODRIGUES, 2013, p. 97).

A proposta deste modelo pode ser observada na (figura 2) que até onde se pode constatar permanece com a mesma estrutura proposta ainda em seu período de construção.



A primeira parte do pagamento foi efetuada em 4 de outubro de 1883, no entanto atrasos na segunda parcela do pagamento acabaram por atrasar a entrega do monumento, sendo este inaugurado apenas em 1889. Observa-se no monumento elementos da natureza como a vegetação na base da escultura que referenciam a abundância da região, a rede de pesca próxima da figura masculina na base representa o trabalho e o homem representa o povo e o seu papel na inscrição das personalidades na história, além do agradecimento às benéficas da personalidade homenageada. (RODRIGUES, 2013, p. 85)



**Figura 2:** Monumento em Homenagem a Gama Malcher na Praça das Mercês

**Fonte:** Panoramio/Google Maps<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/4375518>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Esses elementos contribuem para a rememoração uma vez que fazem referência a elementos do período como a prática em homenagear personalidades políticas, a importância da população na construção da memória e o vínculo estabelecido entre ambos pela prática da política como defende Almeida Sá “O monumento se coloca como símbolo para os observadores e transeuntes, que o recebem e o leem como um marco e o colocam como um importante ponto de referência espaço-temporal.” (2007,p.5)

O modernismo e a política populista de Vargas vão contribuir para a mudança na representatividade dos monumentos. Uma participação mais ativa das camadas populares como homenageados se torna frequente, não que isto não fosse observado antes, mas esta prática vem se tornar mais frequente no século XX.

### 3.3 – COLUNA DA INFÂNCIA

A arte tem o poder de incitar sentimentos nos sujeitos sem que necessariamente eles tenham vivido. A mínima informação para o artista é suficiente para ele criar a sua obra transmitindo não só a informação do ocorrido, mas o próprio sentimento do artista em relação ao mesmo. Esse processo em relação a acontecimentos onde as camadas populares estejam envolvidas se torna mais frequente após o modernismo, que passa a representar os sujeitos sociais independente de sua classe ou cor.

O artista dinamarquês Jens Galschiot cria as suas colunas a partir de grandes massacres, a dor pode vir a ser motivo de lembrança ou de esquecimento principalmente quando se trata de uma memória coletiva, Pollak defende que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação” (1992, p. 2).

Atualmente existem três colunas deste artista, uma em Hong Kong no ano de 1997 em homenagem ao oitavo aniversário do massacre na praça Tiananmen em Pequim em 1989, uma no México inaugurada em 1999 em homenagem ao massacre do povoado de Acteal, onde 45 pessoas incluindo crianças foram assassinados em 1997 e uma no Brasil que homenageia os 19 militantes do Movimento Sem-Terra

mortos em Belém no dia 18 de Abril de 1996 (figura 3)

A Coluna da Infâmia ou Pilar da Vergonha como também é conhecida, deveria ficar inicialmente em Brasília como se observa na notícia dada pelo jornal O liberal em 2 de maio de 2000, mas por questões políticas foi impedido. Em 01 de maio de 2000 o monumento foi inaugurado em Belém, seu local de estadia é palco até os dias de hoje de manifestações e conflitos político-sociais principalmente do movimento dos sem-terra (MST).



**Figura 3:** Monumento em Homenagem a morte de 19 militantes do movimento sem-terra

**Fonte: Transcodificações Urbanas<sup>4</sup>**

A Praça da Leitura (figura 4) como atualmente é conhecida, também chamada de praça dos Mártires e que inicialmente foi chamada de Praça do Bosquinho foi inaugurada em 1978 no governo de Aloysio Chaves. O espaço possui além da coluna

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.monumentosdebelem.ufpa.br>> Acesso em: 15 dez. 2014

um espaço em homenagem a Magalhães Batata que foi interventor do estado do durante o período da Era Vargas e um conjunto de construções que fazem referência a bandeira do estado.



**Figura 4:** Imagem aérea da Praça da Leitura no Bairro de São Braz em Belém

**Fonte:** skyscraperCity<sup>5</sup>

Cada uma das Colunas de Galschiot foram produzidas por materiais distintos, a que fica em Belém é feita de bronze e concreto, possui cerca de 5 metros de altura, tendo em sua base a seguinte frase "O antigo não poderá eternamente destruir o novo, Coluna da Infâmia contra a impunidade". Foi inaugurada na administração do então prefeito Edmilson Rodrigues. Os militantes do MST também estiveram presentes na cerimônia em que foi lembrado o massacre.

A Coluna apesar de ter como objetivo lembrar um acontecimento tão importante na história política do estado do Pará, passa despercebida apesar de seu local de destaque na esquina da praça. É fato que esta memória não pertence a todos, mas silenciar um momento histórico vai contra a função do objeto em questão que independente do período político é utilizado como unificador e marcador de acontecimentos e personalidades históricas.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/>>. Acesso em: 15 dez. 2014

### 3.4 – O PERTENCIMENTO E A MEMÓRIA

Lembrar é função inerente do ser humano “somos humanos, [...] por que lembramos, registramos e reproduzimos nossas memórias” (CUNHA, 2013, P.2). Assim como fazer-se lembrar ou escolher esquecer. Essa opção é feita pelos sujeitos a partir de suas experiências com os objetos e com os sujeitos que também compõem estas memórias, como defende Halbwachs, a memória é constituída pelos sujeitos individual e coletivamente.

Os patrimônios, independentemente de sua categoria, dimensão ou espaço têm por objetivo lembrar, auxiliam na fixação de fatos e personalidades da história de um povo. No entanto assim como os próprios patrimônios, a memória e o pertencimento destas memórias para com os sujeitos sociais também é mutável, logo será que o patrimônio perde função ao deixar de ser apropriado pela população?

Paulo Cezar Tomáz defende que “O que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação” (2010, p.6). Acredito que a ausência da apropriação implica diretamente na preservação, mas creio que a sua função enquanto dispositivo de memória permanece independente do pertencimento.

O pertencimento depende de como o sujeito trabalha a informação recebida. Os monumentos têm por objetivo estabelecer esse vínculo, pois estão diretamente ligados à hegemonia da memória local que envolve o objeto e o seu espaço. “Esses lugares de memória assumem importante significado por fazerem parte da memória coletiva de determinado grupo, a memória de um passado comum e de uma identidade social que faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar, do espaço que traz a lume a história de todos.” (Idem, p. 2).

No entanto os sujeitos são livres para se apropriar ou não, assim a memória seleciona para inserir esses elementos na história dos sujeitos. “O caráter seletivo da memória implica o reconhecimento da sua vulnerabilidade à ação política de eleger, reeleger, subtrai, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável.” (CHAGAS, 2003, p.141) Independente do que se faça para que aquele fato seja lembrado, cabe as pessoas o fazer lembrar.

No caso dos monumentos trabalhados nesta pesquisa, a apropriação e o

reconhecimento deles em específico é analisado, pois foram criados com o objetivo de marcar na memória das pessoas as suas representações. No entanto observa-se um distanciamento da população para com ambos, ainda que estejam localizados em vias de grande circulação e lugar de destaque em praças públicas.

Os objetos nas ruas são silenciados muitas vezes pela própria dinâmica da cidade que por se desenvolver em um ritmo frenético acaba por tornar o que era para ter um caráter excepcional em algo comum, passa a ser invisível dentro do espaço. Desta forma a pesquisa busca saber como os monumentos Coluna da Infâmia e homenagem a Gama Malcher se relacionam dentro do espaço onde eles se encontram.

#### **4 – ANÁLISE DA APROPRIAÇÃO DOS MONUMENTOS NA BELÉM CONTEMPORÂNEA: ESTUDO DE PÚBLICO**

Os monumentos são utilizados pelo estado para fazer lembrar. Esta prática é estabelecida através da apropriação e essa ação depende do sujeito, das relações que ele estabelece com o objeto e com as informações imbricadas no mesmo. Ainda que se conheça, isso não implicará a obrigatoriedade de se apropriar seja da memória, da história ou do próprio objeto.

Dentro das práticas de salvaguarda do patrimônio há uma obsessão pelo tombamento e registro dos objetos e da sua memória como se esses fatores fossem os únicos determinantes para a permanência na memória das pessoas. Como defende SILVEIRA (2006) “o tombamento por si só não é suficiente para a preservação” (p. 101), deve-se acompanhar as mudanças. De fato, o registro e a memória dos patrimônios, neste caso os monumentos, não influenciam na vida da pessoa diretamente como veremos mais adiante, mas quem sabe indiretamente, como acreditou-se durante os grandes conflitos da história da humanidade, quando se destruíam os marcadores da cultura local como forma de atingir e desestabilizar o oponente.

Ao longo do tempo o cotidiano frenético silenciou os patrimônios que passaram a emitir memórias sussurradas. Os monumentos que estão na rua estão sujeitos a ações e silenciamentos, como defende Durval Lima (2007):

[...] aqueles elementos de patrimônio que não foram reinvestidos de significados para a sociedade a que pertencem, que não foram reapropriados e ressignificados pelas novas gerações, tornaram-se ruínas físicas ou, pior, ruínas de sentidos, como aquele lindo monumento em torno do qual todo mundo circula, mas não conhece sua história (p. 17-18)

Logo, devemos pensar na função que esses elementos têm atualmente para a sociedade e como esta pode vir a ser remodelada para que ele volte a assumir a sua função primeira: fazer lembrar por meio das relações com os sujeitos. Para pensar as questões propostas neste trabalho utilizei-me da pesquisa de público através de questionários aplicados, dentro de um período de duas semanas, a transeuntes do espaço em que se encontram os monumentos aqui trabalhados.

Como recorte metodológico, diante do desafio de desenvolver esta pesquisa em tempo hábil, optamos por investigar um grupo de pessoas, residentes da Região Metropolitana de Belém, que tenha estudado no ensino fundamental ou médio por

pelo menos um período letivo entre 1996-2000, estando atualmente na faixa etária entre 25-35 anos.

A importância dada ao fato de que o entrevistado tivesse estudado entre 1996-2000 se relaciona a dois fatores. O primeiro tem relação com a apropriação, pois acreditamos e defendemos que assim como o museu é uma ferramenta metodológica para a escola, o monumento e o próprio cenário urbano também devem ser utilizados desta forma, pois cremos que a própria cidade seja um museu, como foi dito anteriormente. Assim, a escola deveria ser um dos principais locais para se ter informações destes objetos.

O outro fator é o período dos monumentos e o passar do tempo para estes e para a memória dos cidadãos. O monumento em Homenagem a Gama Malcher data de 1889, logo para defender a memória deste utilizamos os jornais que descrevem como a cidade e as pessoas se relacionaram com o momento. Mas para fazer um comparativo com a "Coluna da Infâmia" estabeleci o período de 1996-2000 para refletir também como o acontecimento que motivou a construção deste monumento e a inauguração do mesmo influenciam na memória e na apropriação por parte da população que pode atualmente ser consultada.

Desta forma, partimos de um contexto da ação histórica ao estabelecimento de um patrimônio na contemporaneidade, traçando um paralelo de como estes dois momentos podem ter passado (des)percebidos por escolares à época, e prosseguem, ou não, em suas memórias na fase adulta.

Esses fatores explicitados foi um dos filtros que, juntamente com a idade vai estar relacionado com a entrada do aluno no ensino básico e a sua saída após a conclusão do ensino médio. Essa delimitação está baseada na Nota técnica de esclarecimento sobre a matrícula de crianças de 4 anos na educação infantil, baseada na Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 20 de dezembro de 1996 que define "é dever do Estado Brasileiro garantir a Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade" sendo que "o Ensino Fundamental obrigatório com duração de 9 anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 anos de idade".

No entanto, este trabalho considera como data inicial para a contagem da idade escolar os 7 anos, pois a legislação apresentada acima só entrou em vigência no ano seguinte. Anteriormente a idade mínima para a entrada dos alunos no ensino básico eram os 7 anos.



O último filtro está relacionado à residência dos entrevistados na Região Metropolitana de Belém. Este foi estabelecido para refletir como os cidadãos, que convivem com aquele monumento, se colocam em relação ao conhecimento e à importância do mesmo, se eles o percebem no seu cotidiano.

#### 4.1 – O PÚBLICO DE HOJE E OS MONUMENTOS

Ao pensarmos na apropriação dos monumentos dentro do cotidiano da cidade de Belém, busca-se conhecer quem são os sujeitos que convivem com estes objetos seja diariamente ou esporadicamente, questionando se eles o reconhecem e sabem o que eles significam ou o que motivou a sua construção.

Delimitamos o espaço de circulação dessas pessoas ao bairro da Campina, sendo que neste a pesquisa ocorreu na Praça das Mercês, um lugar de grande movimentação de pessoas e um dos principais pontos de comércio. E ao bairro de São Braz, onde a pesquisa foi realizada na Praça da Leitura, onde a circulação de pessoas ocorre pela movimentação dos pontos de ônibus locais e intermunicipais.

Para quantificar a população de ambos os bairros utilizamos a Tabela 3277 do IBGE que pode ser observada na (figura 05), sendo que os dados foram gerados duas vezes segundo o intervalo de idade oferecido pelo site. Primeiramente para o intervalo de 25 a 29 anos e depois dos 30 aos 35 anos para ambos os bairros aqui trabalhados obtendo um totalizador do recorte populacional aqui utilizado. A idade escolhida está pautada na idade de ingresso e saída na formação escolar, pois como já foi dito, a pesquisa defende a utilização dos monumentos como ferramentas metodológicas, ou seja, podem e devem servir de apoio para os conteúdos escolares.

<b>Tabela 3277 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento nominal mensal, segundo a situação do domicílio, o sexo e os grupos de idade</b>
<b>Bairro = Campina - Belém - PA</b>
<b>Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)</b>
<b>Classes de rendimento nominal mensal = Total</b>
<b>Situação do domicílio = Urbana</b>
<b>Sexo = Total</b>
<b>Grupos de idade = 25 a 29 anos</b>
<b>Ano = 2010</b>

**Figura 5:** Tabela estatística do IBGE

**Fonte:** Site IBGE<sup>6</sup>

Considerou-se também o período em que o monumento “coluna da infâmia” foi construído e quando o evento que motivou a sua construção ocorreu, esse fator foi estabelecido, pois as pessoas que vivenciaram esses momentos podem ser consultadas, diferente do monumento a Gama Malcher.

Para esta pesquisa foram consultadas 80 pessoas, essa quantidade foi gerada pela plataforma SampleSizeCalculator<sup>7</sup>, utilizando 95% como índice de confiabilidade, que significa que de 100 questionários aplicados, 95 estariam corretos. Também consideramos margem de erro, comumente utilizado nas pesquisas de público, e que indica que quanto maior o intervalo menor a confiabilidade da pesquisa. Nesta pesquisa, a margem de erro foi de 15%. Recorremos também a este percentual devido às condições, inclusive de pessoas para aplicação dos questionários e o tempo necessário para isto, considerando o prazo da pesquisa.

O período de aplicação foi de 29 de setembro a 05 de outubro. No bairro da Campina a pesquisa foi realizada pelo período da manhã, pois é quando se tem o maior fluxo de pessoas devido o funcionamento do comércio. No bairro de São Braz a pesquisa foi aplicada durante o período da tarde, considerando que a movimentação do espaço ocorre por meio das paradas de ônibus e dos comércios alimentícios.

Das 80 pessoas entrevistadas, 40 foram no bairro de São Braz e 40 no bairro da campina, onde 72,5% dos que responderam ao questionário são homens e 27,5% são mulheres. A questão do gênero não foi utilizada como parâmetro, pois os questionários foram aplicados para as primeiras 40 pessoas, em cada um dos

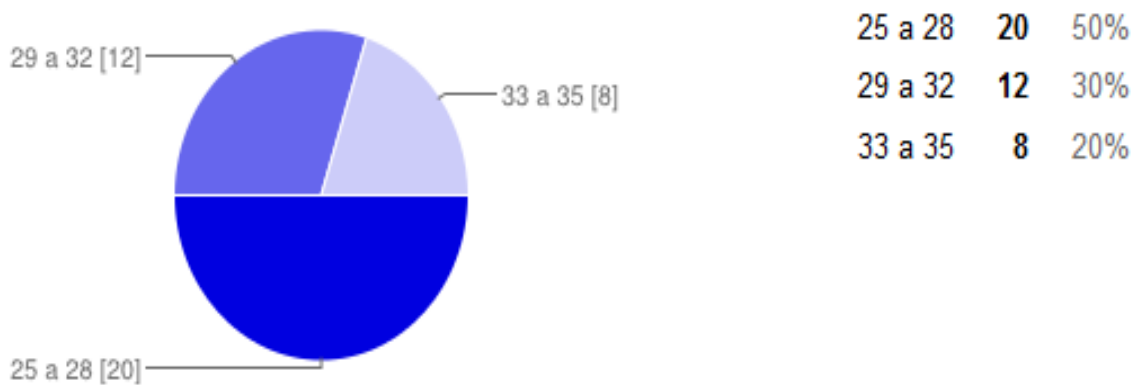
<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=3277&z=cd&o=7>> Disponível em: 15 dez. 2014

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.surveysystem.com/sscalc.htm>> Disponível em: 15 dez. 2014

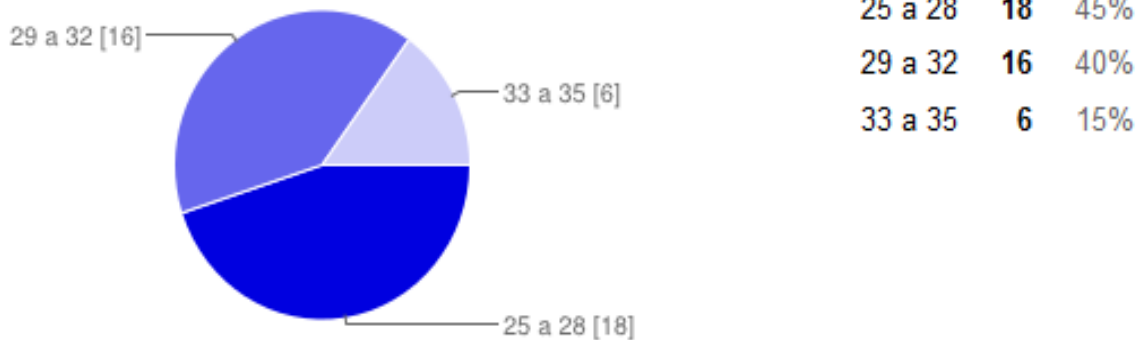
espaços, que se propuseram a responder a pesquisa.

Estabelecemos três intervalos para analisar a idade considerando as faixas etárias da LDB e o intervalo dado pelo IBGE de forma que concordasse com o período de 1996 a 2000. O primeiro intervalo que se estabelece, dos 25 aos 28 anos, foi o mais frequente dentre os entrevistados em ambos os bairros como pode ser observado nos gráficos abaixo:

**Gráfico 1:** Dados referentes a faixa etária para o bairro de São Braz



**Fonte:** Acervo pessoal



**Gráfico 2:** Dados referentes a faixa etária para o bairro da Campina

**Fonte:** Acervo Pessoal

Este intervalo predominante corresponde ao intervalo de 7 a 10 anos no período em que se teve o acontecimento que motivou a construção do monumento Coluna da Infâmia. No entanto isto não significa que somente essas pessoas lembram e reconhecem ambos os monumentos.

É interessante destacar que independentemente da idade do sujeito, se ele viveu ou não o acontecimento que motiva a construção do monumento, ainda assim, a informação tem como ser propagada, construindo assim a possibilidade do

reconhecimento e da apropriação destes objetos. Essa relação pode ser observada na quantidade de pessoas que responderam que reconheciam e que sabiam do que se tratavam os monumentos, ainda que seja apenas 15,5% ainda assim é um número a ser considerado, pois o valor patrimonial destes objetos está na apropriação e reconhecimentos dos mesmos pela população.

O que sabemos atualmente é que poucas pessoas sabem o que são os monumentos e o que eles representam de fato, mas o que deve buscar é saber de que forma esses objetos podem se tornar parte do cotidiano das pessoas não só pelas suas características estéticas, mas sim pelo o que eles propõem fazer lembrar.

#### 4.2 – A FALA DOS SUJEITOS

Os monumentos silenciados têm na fala dos sujeitos da cidade a oportunidade de emitir mensagens, de se restabelecer na memória, de se ressignificar. No entanto a forma com que as pessoas percebem os monumentos na atualidade acaba por se tornar apenas algo que foi erguido para homenagear um acontecimento ou alguém há muito tempo, mas que já não se sabe muito bem o porquê.

Parte das pessoas consultadas na Praça das Mercês questionaram se os monumentos eram novos ou se haviam sofrido algum tipo de intervenção, pois nunca haviam percebido eles no seu dia-a-dia passando pelo espaço em que estão localizados e os poucos que reconheceram apontaram como fatores para a falta de conhecimento: o espaço e as atuais condições tanto estéticas quanto estruturais de ambos os monumentos aqui trabalhados, bem como os monumentos de forma geral.

No entanto, pôde ser observado nas respostas dadas a pergunta que questionava sobre o grau de importância dado aos monumentos de uma forma geral que a população considera os monumentos como um todo, importantes, seja pelo o que eles têm a nos contar, pela importância dada a eles por se tratarem de patrimônios ou pelo o que eles representam.

Essa consideração feita em relação aos monumentos como um todo está ligado às reflexões sobre a permanência desses objetos históricos e artísticos no espaço físico. Assim como o patrimônio imaterial é passível de ter alterações em seu valor atribuído o de pedra e cal, em nossa opinião também poderia receber essa avaliação.

No entanto ressalta-se sua função e importância, ainda que alguns passem despercebidos, pois para o patrimônio material a mudança, seja de sentido ou significado, gera tanto a apropriação quanto o esquecimento.

Na cidade de Belém temos monumentos que foram deslocados, prédios demolidos, nomes de lugares alterados que permanecem na memória das pessoas e nos discursos, o que nos lembra que o monumento em si não é o único detentor da informação, ela pode vir a ser repassada tanto em livros, documentos ou na escola.

Essas possibilidades de acesso à informação podem vir a distanciar ou aproximar os sujeitos do objeto. A forma que esta informação é trabalhada determina a relação do sujeito para com o monumento e o estabelecimento do mesmo em suas memórias e na memória da cidade.

#### 4.3 – A MEMÓRIA DO HOJE

Belém, assim como as outras cidades tem sua história espalhada pelas ruas, prédios e monumentos que marcam períodos, fatos históricos ou pessoas que de alguma forma contribuíram para a atual configuração da então metrópole da Amazônia. Dentro desta pesquisa um dos primeiros objetivos que a motivaram foi saber se as pessoas reconheciam os monumentos aqui trabalhados.

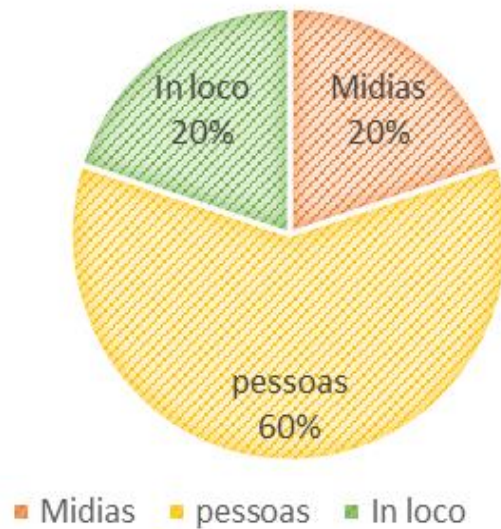
Esse reconhecimento implicará automaticamente na lembrança do mesmo, pois a memória seleciona, deixando o que virá a ser lembrado seja pelo indivíduo, seja pelo coletivo. Assim, a memória dos sujeitos que hoje transitam dentro da cidade de Belém e que são residentes na mesma são os detentores do poder de fazer com que um monumento seja lembrado ou não.

Das 80 pessoas consultadas que responderam à questão que busca saber sobre a forma que souberam dos monumentos aqui trabalhados, 50% das pessoas souberam por meio de outras pessoas, sejam conhecidos, familiares ou clientes. Esta questão está ligada a obrigatoriedade de informar sobre o reconhecimento acerca de algum dos monumentos aqui trabalhados no momento da pesquisa.

São importantes as fontes e o meio que lhes proporcionaram a informação da existência dos monumentos *Coluna da Infâmia* e *Homenagem a Gama Malcher*, pois é a partir dessas informações que poderão ser trabalhadas ações que se proponham

a modificar o baixo reconhecimento desses monumentos e quem sabe de tantos outros espalhados na cidade.

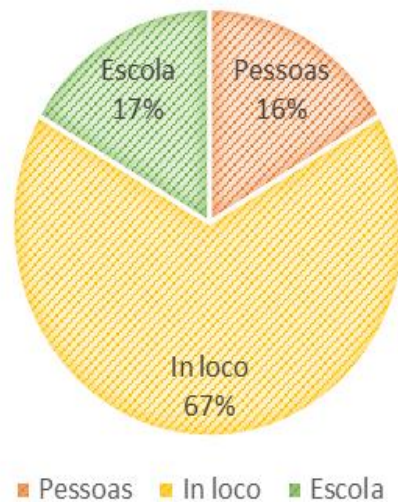
No caso da *Coluna da Infâmia* (Gráfico 3) as pessoas são a principal fonte de informação e as mídias juntamente com o acesso das informações *In loco* em que o objeto se encontra, que neste caso estaria ligado à curiosidade do transeunte de se aproximar do objeto e estabelecer um contato com as informações do mesmo.



**Gráfico 3:** Como você ficou sabendo do monumento Coluna da Infâmia?

**Fonte:** Acervo pessoal

As respostas referentes ao meio em que se obteve o conhecimento acerca do monumento em *Homenagem a Gama Malcher* (Gráfico 4) apresentou o acesso *in loco* como principal fator diferente monumento *Coluna da Infâmia*. Seu outro diferencial é o fator escolar que aparece nas respostas obtidas ainda que com apenas 17% de frequência.



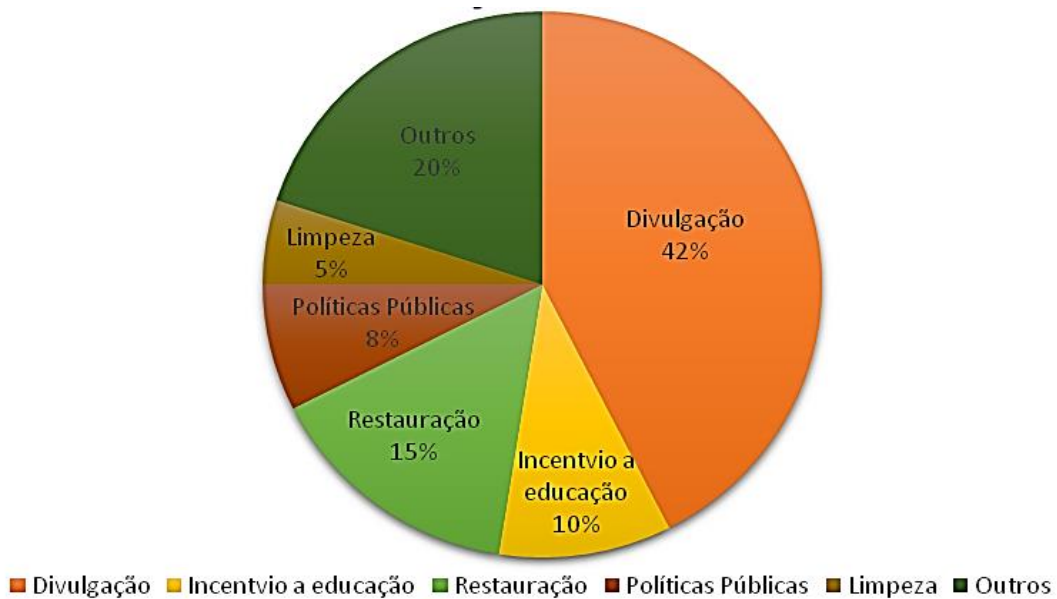
**Gráfico 4:** Como você ficou sabendo do monumento em homenagem a Gama Malcher?

**Fonte:** Acervo pessoal

A hipótese inicial era de que a escola seria o principal meio destas informações por conta da função de ferramenta metodológica, que defendemos neste trabalho, no entanto ao longo da pesquisa, observou-se que este espaço de informação foi pouco citado na pesquisa de público dentre participantes que conheciam os monumentos.

As relações de reconhecimento, identificação tanto do monumento quanto do espaço e o conhecimento acerca das informações intrínsecas e extrínsecas vai refletir dentro do que a população considera como necessário para uma ampliação ao acesso das informações sobre o objeto e sobre a identificação por parte da população destes objetos que atualmente passam despercebidos.

Ao questionar sobre o que se mostra necessário para a efetivação do reconhecimento dos monumentos como um todo, obtivemos respostas com itens parecidos em ambos os espaços trabalhados (Gráfico 5 e 6), porém com valores e particularidades distintas que pode estar relacionada ao espaço em que o monumento se encontra.



**Gráfico 5:** Dados referente ao que falta ou precisa para que os monumentos em Belém fossem mais reconhecidos – Bairro da Campina

**Fonte:** Acervo Pessoal



**Gráfico 6:** Dados referente ao que falta ou precisa para que os monumentos em Belém fossem mais reconhecidos – Bairro de São Braz

**Fonte:** Acervo pessoal

A partir dos dados observa-se uma demanda de divulgação e apoio governamental para que os patrimônios de uma forma geral passem a ser reconhecidos e identificados pela população. Os valores que fazem referência a educação são baixos em ambos os espaços, no entanto a divulgação, fator predominante para ambos os monumentos poderia vir a ser feita dentro da escola.



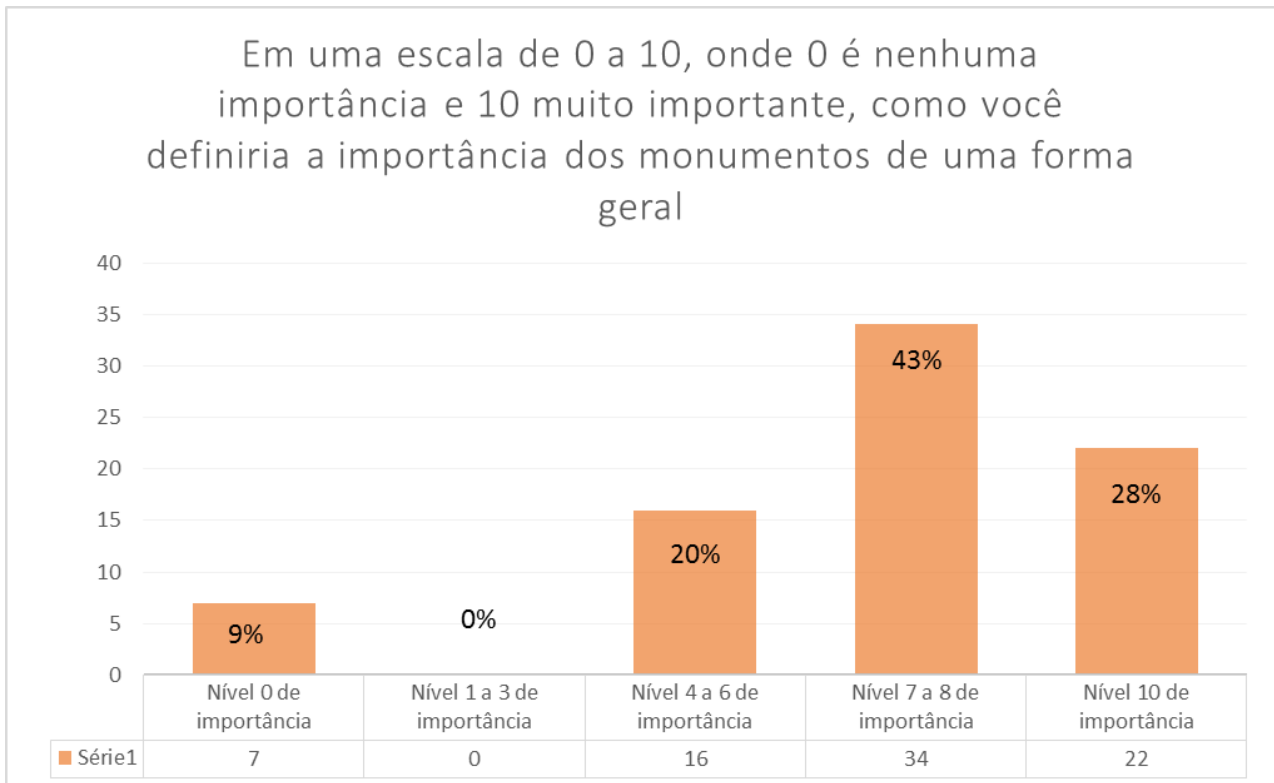
Esses fatores mostram-nos também como a memória do hoje nos remete a uma apropriação coletiva, ou seja, considera-se um monumento pelo estatuto que a peça tem quanto patrimônio e não como um suporte de informação e de representação social.

Pode-se observar que a população apresenta consciência dos fatores que de fato devem ser trabalhados nos monumentos, discutidos nesta pesquisa, como a restauração, preservação e limpeza, que apesar de estarem relacionados a preservação física dos objetos, contribuem para uma melhor apreciação e fruição das características dos monumentos.

#### 4.4. APROPRIAR-SE OU NÃO APROPRIAR-SE

A apropriação dos bens patrimoniais depende da sua preservação e da propagação deste bem ao longo do tempo e das gerações, desta forma a comunicação deve ser estabelecida ao menos com o mínimo de informações e de forma clara, para que as pessoas o reconheçam no cotidiano.

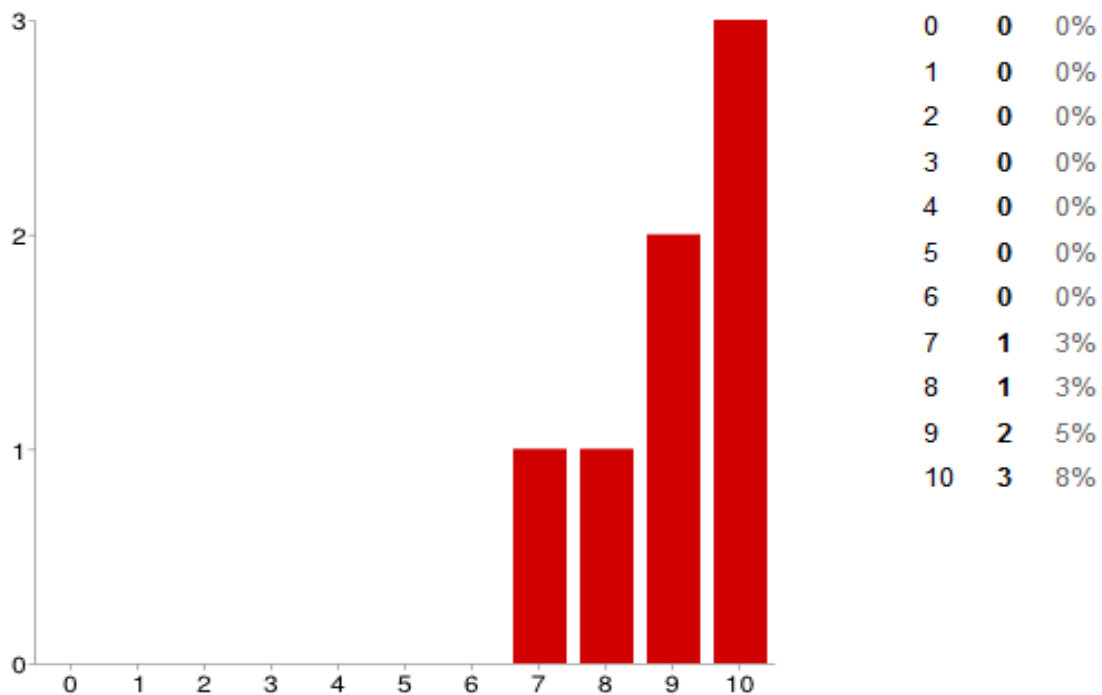
Ao longo da aplicação da pesquisa de público em ambos monumentos trabalhados, foi observado um desconhecimento por parte da grande maioria dos entrevistados de ambos contextos de estudo. Os sujeitos que foram consultados nesta pesquisa em sua maioria, não conhecem os monumentos aqui trabalhados e tampouco sabem o que estes significam, no entanto isto não interfere na importância dada aos patrimônios de uma forma geral, como pode ser observado no (gráfico 7), onde revela que 28% dos entrevistados atribui nível 10 de importância aos monumentos de uma forma geral.



**Gráfico 7:** Em uma escala de 0 à 10, onde zero é nenhuma e 10 é muito importante, como você definiria a importância dos monumentos de uma forma geral.

**Fonte:** Acervo pessoal

Uma outra questão fazia referência ao *grau de importância dos monumentos em específico*. No caso do monumento em *Homenagem a Gama Malcher*, onde também consideramos zero como *nenhuma importância* e 10 como *muita importância*, obtemos os seguintes dados conforme o (gráfico 8).

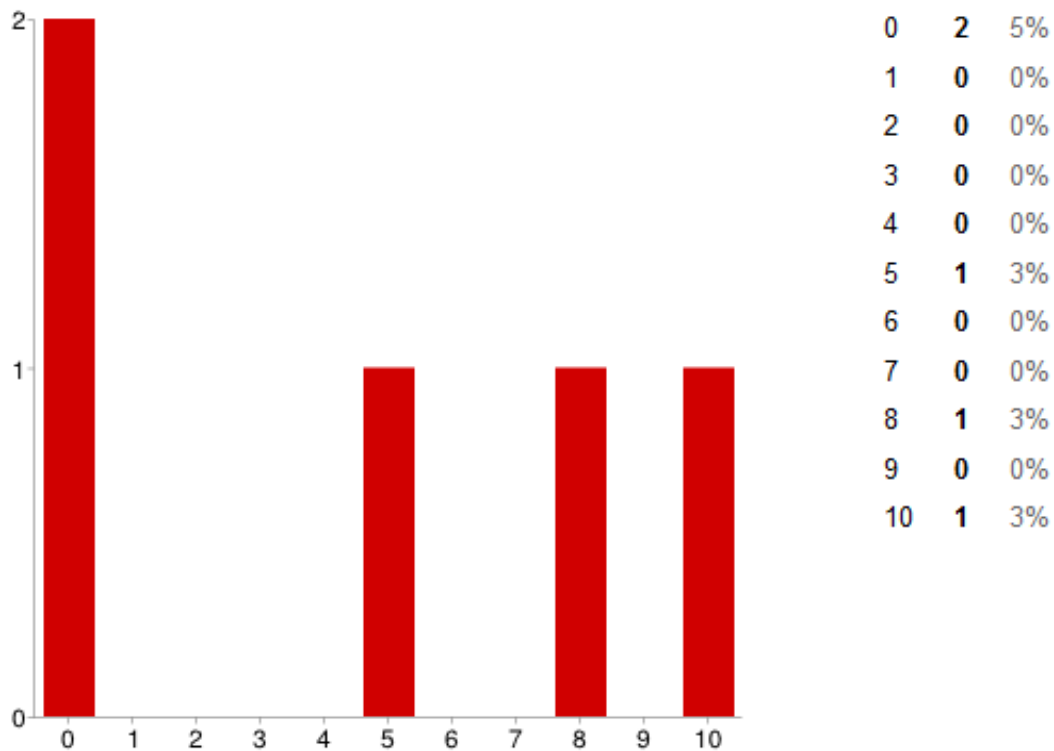


**Gráfico 8:** Em uma escala de 0 à 10, onde zero é nenhuma importância e 10 é muita importância, como você definiria a importância do monumento Homenagem a Gama Malcher?

**Fonte:** Acervo pessoal

Das 40 pessoas consultadas referente ao monumento em *Homenagem a Gama Malcher*, onde apenas 7 conheciam o monumento, observa-se que 8% consideram-no como *um monumento muito importante*, sendo que do total de 80 pessoas consultadas, em ambos os monumentos, 28% consideram os monumentos de uma forma geral como muito importantes. Desta forma, inferimos que a apropriação dada a um monumento em específico não está diretamente ligada ao valor monumental ou a importância que os monumentos têm para a construção do discurso dos sujeitos em relação as suas memórias da cidade, pensando no que está sendo homenageado. O valor está ligado a ideia de monumental, de ser importante pois representa algo.

O mesmo vai ser percebido para com o monumento Coluna da Infância (Gráfico 9) com uma diferença na importância dada a este em específico, pois apenas 3% dos entrevistados respondeu que este monumento tinha máxima importância e 5% responderam que ele não tinha importância alguma. Este intervalo de diferença é interessante tendo em vista que todos os que responderam essa pergunta necessariamente conheciam o monumento em questão, assim, ainda que a pessoa conheça o objeto, não necessariamente ele terá grande influência na vida da mesma.



**Gráfico 9:** Em uma escala de 0 à 10, onde zero é nenhuma importância e 10 é muita importância, como você definiria a importância do monumento Coluna da infâmia?

**Fonte:** Acervo pessoal

Observa-se que o monumento *Coluna da Infâmia* data do século XXI e ainda que seja um monumento recente dentro da história urbana da cidade se comparado ao monumento a Gama Malcher que data do final do Século XIX, este fator também não necessariamente contribui tanto para que ele seja notado quanto para que ele receba um grau de importância diferente de outros monumentos.

Para a importância dada aos monumentos de uma forma geral pelas pessoas consultadas no bairro de São Braz, obtivemos 10% para nenhuma importância e 33% para muita importância. Neste caso a maioria considera os monumentos como muito importantes. As pessoas que responderam a essa questão não necessariamente responderam a questão que relaciona o grau de importância com o monumento específico, no entanto pode-se inferir que o valor dos monumentos enquanto recurso de homenagem ou de afirmação de memória ainda se mantém presente seja para o monumento mais recente quanto para o mais antigo.

Ouvimos de muitos sujeitos que os monumentos precisavam de intervenções de restauro, limpeza e incentivo de políticas públicas e educacionais, reafirmando a

importância destes na formação escolar e apresentando um problema sócio-político que não é o foco deste trabalho, mas que pode ser observado ao longo da pesquisa na resposta dada pelos consultados.

A partir destes dados observa-se o desconhecimento destes patrimônios por parte da população da cidade de Belém, independentemente do período do monumento, pois muitos pensam que as memórias recentes se sobrepõem as antigas pautadas no esquecimento ao longo do tempo.

No entanto, a lembrança destes em específico, não vai interferir na relevância dos patrimônios como um todo pois, 56% do total de entrevistados indicaram como 10 o nível de relevância dos monumentos de uma forma geral. Logo, os monumentos como um todo não perderam a sua importância, no entanto não são reconhecidos individualmente, perderam-se as informações intrínsecas ao objeto. Muitas vezes não se sabe o que o objeto significa, mas defende-se sua permanência pela importância dada ao inseri-lo dentro de um espaço de visualização.

O significado, assim como o valor patrimonial estão diretamente ligados a apropriação do objeto por parte da população, ou seja, tomam-no para si, mantendo a ideia de "vivo" por meio da manutenção e propagação de sua memória através das narrativas estabelecidas entre os sujeitos

## CONCLUSÃO

Pensar monumentos na Belém contemporânea é refletir como a população atual se identifica, questionando se a mesma sente-se representada nos elementos culturais estabelecidos em outros contextos sociais e políticos dos vividos atualmente, considerando as relações que proporcionaram essas mudanças ao longo do tempo.

De fato, nada dura para sempre, mas tudo deve ser preservado para que se prolongue ao máximo a permanência, seja no convívio, na memória ou no cotidiano. Os monumentos são construções que sempre foram utilizadas para representar algo e acreditamos que a representação tem por objetivo fazer lembrar.

A quantidade de monumentos dentro da região metropolitana de Belém é vasta e diversificada, permitindo muitas vezes um encontro com grandes personalidades da história, sejam elas de alta ou baixa patente. Este trabalho não busca estabelecer uma nova forma de guardar ou resguardar as memórias dos monumentos, mas propor possibilidade de uso para que esse uso venha a ser, no futuro, a salvaguarda desses monumentos.

Assim como o museu, reiteramos que os monumentos devam ser utilizados como ferramentas metodológicas, dentro das escolas. Seja citado pelo professor ao longo das aulas ou ainda que se tenha a presença das imagens dos monumentos nos livros didáticos.

É fato que a grande propagadora da informação é a população, mas distribuir panfletos informativos não devem ser a única forma para comunicar. As atividades de percursos turísticos já existem e incluem os monumentos como parada para explicações acerca da história da cidade, mas essas e outras ações devem ser levadas a outras camadas da população, ou seja, para além do meio acadêmico.

A valoração do espaço do monumento também é de fundamental importância para a apropriação dos monumentos, pois é nesse local que vai ser acessado e apropriado. Utilizando de suas informações visíveis para instigar o leitor a saber mais sobre a peça ou sobre o que ela vem a representar.

Revitalização do espaço, políticas de incentivo ao uso dos mesmos, eventos culturais, manutenção dos monumentos, bem como melhor visibilidade das informações presentes nos próprios monumentos são práticas que contribuirão para uma reapropriação destes patrimônios, tão utilizados pelo estado para enfatizar

memórias e que ao longo do tempo acabou por serem silenciadas nos discursos do cotidiano urbano da cidade de Belém.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Fragments do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil.** In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.) Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. Pp:13-23.

Anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de 24 de Março de 1936. In: **Revista do Patrimônio**, Iphan, n. 30, 2002, FGV/CPDOC. p. 271-288.

ARGAN, Carlo Julio. **História da arte como história da cidade.** Tradução: CABRA, Pier Luigi. São Paulo: Coleção Martine Fontes. 2005, 5 ed.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos.** São Paulo: 11 ed. Companhia das Letras, 1994, pp.484.

BRASIL, **Decreto-lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937, Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm)> Acesso em 18 de Dezembro de 2014.

BRASIL, **Lei nº11.904**. de 14 de janeiro de 2009, Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em 18 de Dezembro de 2014

BRASIL, **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em: 18 de Dezembro de 2014.



CANCLINI, Néstor Garcia. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Tradução: DIAS, Maurício Santana. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1994. pp. 95-115.

CIAM. **Carta de Atenas**, Atenas: 1933.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução: MACADO, Luciano Vieira. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP. 2006, p.28

CUNHA, Marcelo. **Museus, memória e cultura afro-brasileira**. In: 7ª Primavera de museus. 2013, pp. 1-15.

CUNHA, Claudia dos Reis e. Alois Riegl e “O culto moderno dos monumentos”. In: **Revista CPC**. São Paulo, 2006, v.1, n.2, p.6-16.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: Concepção, montagem e avaliação**. Annablume, São Paulo, 2005. 162.p

CHAGAS, Mario. **Memória política e Política de Memória** In: CHAGAS, Mario; ABREU, Regina (ORG.). Memória e patrimônio; Ensaio contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 141-171.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 183 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da Pedra e Cal: Por uma concepção ampla de patrimônio Cultural** In: CHAGAS, Mario; ABREU, Regina (ORG.). Memória e patrimônio; Ensaio contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp.56-76.

FUNARI, Pedro Paulo Funari. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed, 2006. pp.71

GRINBERG, Lúcia – **República Católica: Cristo Redentor** In: Paulo Knauss, et al. Cidade Vaidosa: Imagens Urbanas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. Pp. 57-72. pp.191 ,1ª edição.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Os Museus e a cidade** In: CHAGAS, Mario; ABREU, Regina (ORG.). Memória e patrimônio; Ensaio contemporâneos. Rio de

Janeiro: DP&A, 2003, pp. 174-189.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza: 1964.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva e Memória Individual**. In: A memória coletiva. Tradução: BENOIR, Laís Teles. São Paulo: Centauro. 2004. pp. 29-51.

JESUS, Priscila Maria de. **Universidade do Estado da Bahia**. Musealizando o Patrimônio: conceitos, procedimentos e a musealização da Estação Férrea São Francisco e das Ruínas da Igreja na cidade de Alagoinhas/BA /. – Dissertação (Mestrado em crítica cultural), Universidade Estadual da Bahia, Departamento de Educação, Alagoinhas, 2012.

\_\_\_\_\_. **A musealização de espaço urbano na contemporaneidade: primeiras reflexões**. In: Revista Idearte. 2009. pp147-157 Disponível em: < [www.idearte.org/texts/67.pdf](http://www.idearte.org/texts/67.pdf) > Último acesso em: 17 DEZ. 2014

Jornal O liberal. Estatua do Dr. José da Gama Malcher. **Jornal O liberal**, Belém, 2 de Maio de 2000. Painel, seção ou suplemento, p.3

KNAUSS, Paulo. **Introdução**. In: Paulo Knauss, et al. Cidade Vaidosa: Imagens Urbanas do Rio de Janeiro.. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, pp.191 ,1ª edição.

KNAUSS, Paulo. **O homem Brasileiro Possível: Monumento da juventude brasileira**. In: Paulo Knauss, et al Cidade Vaidosa: Imagens Urbanas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, pp: 29-44. pp.191 ,1ª edição.

LENCIONE, Sandra. **Observações de cidade e urbano**. GEOUSP, São Paulo nº 24, 2008. pp - 109- 123.

LEAL, Ondina Fachel. **Etnografia de Audiência: Uma discussão Metodológica**. In: Sousa. Mauro Wilton de (Org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. Brasiliense, São Paulo, 1995, pp. 113-12.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Estudos Históricos, 1998, vol. 11, nº21. P.89-103

MENDONÇA, Lúcia Glicério. **Museus e políticas públicas no Brasil: uma leitura.** In: DE PAULA, Zueleide Casagrande; MENDONÇA, Glicério Lúcia; Romanello, Jorge Luís (Org.) Polifonia do Patrimônio. Londrina: EDUEL, 2012 pp:145-176.

NASCIMENTO, Rosana. **Cadernos de Museologia: Centro de Estudos de Sócio - Museologia.** ULHT. N°3, 1994.

NERY, Olivia S.; FERREIRA, M. Letícia M. **Objetos narradores: Memória e patrimônio da coleção Lyuba Duprat do Museu da Cidade do Rio Grande/RS.** II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Belo Horizonte, 2013. pp.11

OEA. **Norma de Quito.** Quito: 1967.

ONU. **Declaração de Estocolmo.** Estocolmo, 1972

O liberal do Pará. Coluna da Infâmia é inaugurada em Belém. **O liberal do Pará,** Belém, 15 de agosto de 1889. nº 183, ano XIX, P.02. Microfilme, rolo:123. Fundação cultural Tranquedo Neves.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas.** 3ª edição- São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2004

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992, Vol. 5, N° 10, pp.220-212.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. **Memória em Bronze: Estátua equestre de D. Pedro I.** In: Paulo Knauss, et al. Cidade Vaidosa: Imagens Urbanas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. pp. 15-28.

RODRIGUES, Randy da Silva. **Universidade de Lisboa.** A Escultura Monumental em Belém do Pará: Três Obras e um Percurso Romântico – Dissertação (Mestrado em Ciências da Arte e do Patrimônio). Universidade de Lisboa- faculdade de Belas-Artes, 2013. pp.237

SÁ, Salma Dias Almeida. **A cidade, os monumentos públicos e suas relações com o social.** In: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

SILVA, Renta Augusta dos Santos. **O gigante e a máquina: Pão de açúcar.** In: Paulo

Knauss, et all. Cidade Vaidosa: Imagens Urbanas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. pp. 45-56.

SILVEIRA, Carmen Beatriz. **Projetos urbano-culturais na Cidade do Rio de Janeiro: experiências recentes nas áreas da Lapa e da Praça Tiradentes.** in: JACQUES, Paola Berenstein; JEUDY, Henri Pierre (Org.). *Corpos e cenários urbanos : territórios urbanos e políticas culturais.* Salvador : EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006. P. 182

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **Preservar não é tomar, renovar não é por tudo abaixo.** In: IX encontro anual da ANPOCS, Rio de Janeiro, 1985. P.1-18

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia Aplicada em Museus.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. 229 pág.

TOMAZ, Paulo Cesar. ***A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil.*** In: Revista de história e Estudos Culturais, 2010, vol.7, ano. 7, nº2. pp. 1-12

TOMASO, Izabela M. ***Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade.*** In: DE PAULA, Zueleide Casagrande; MENDONÇA, Glicério Lúcia; Romanello, Jorge Luís (Org.) *Polifonia do Patrimônio.* Londrina: EDUEL, 2012, pp. 21-45.

UNESCO. **Documento de Nova Delhi.** Nova Delhi, 1956.

VELOSO, Mariza. ***O fetiche do patrimônio.*** In: Revista Habitus, Goiânia, 2006, vol.4, jan/jun, nº.1. p. 437-454